



Tradução

SOBRE O CONCEITO DE “AFINIDADE ELETIVA”
EM MAX WEBER*

Michael Löwy**

Tradução de Lucas Amaral de Oliveira e Mariana Toledo Ferreira***

São raros os pesquisadores da área da Sociologia das Religiões que não constatarem, ao comentarem os escritos de Max Weber, em especial *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, a utilização do termo “afinidade eletiva”. Mas, estranhamente, esse termo não gerou estudos, discussões ou debates; aliás, não é possível encontrar uma identificação mais ordenada das passagens em que a expressão se apresenta, muito menos uma análise sistematizada de seu significado metodológico. Estas notas são uma primeira tentativa, ainda muito parcial e inacabada, de preencher tal lacuna¹.

O termo afinidade eletiva (*Wahlverwandtschaft*) tem uma longa história, a qual é bem anterior aos escritos de Weber. Buscaremos reconstituir brevemente esse complexo itinerário, a fim de captar toda a riqueza de significações que a expressão acumulou no curso de sua estranha jornada cultural, que vai da alquimia à literatura romântica e de lá às ciências sociais.

1 Existe um ensaio, de Richard Herbert Howe (Cf. HOWE, R. Max Weber's elective affinities. *Sociology within the bounds of pure reason. American Journal of Sociology*, n. 84, 1978), que contém informações interessantes sobre as origens do termo; mas a definição que Howe propõe – afinidade eletiva como “uma idéia no sentido kantiano” – não é muito pertinente. Além disso, o autor parece querer reduzir a expressão a uma “afinidade eletiva entre palavras”, em função da “intersecção de seus significados”, o que limita consideravelmente seu alcance (*Ibidem*, p. 366; 382).

* Este ensaio foi publicado em francês: LÖWY, Michael. Le concept d'affinité élective chez Max Weber. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, Paris, n. 127, p. 93-103, 2004. Versão on-line disponível desde 25 de junho de 2007, em: <<http://assr.revues.org/1055>>.

** Sociólogo brasileiro radicado na França, onde hoje é membro titular do Centre d'Études Interdisciplinaires des Faits Religieux (CEIFR) e pesquisador do Centre Nationale de Recherches Scientifiques (CNRS), ambos em Paris. Michael Löwy, filho de imigrantes judeus de Viena, nasceu em São Paulo, em 1938. Estudou ciências sociais na Universidade de São Paulo, onde participou do célebre grupo de estudos de *O capital*. Realizou seu doutorado na Sorbonne, em Paris, sob a orientação de Lucien Goldmann, concluindo sua tese em 1964.

*** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS/USP).

É na alquimia medieval que se começa a utilizar o termo afinidade para explicar a atração e a fusão dos copos. Segundo Alberto Magno, se o enxofre se une aos metais, é em decorrência da afinidade que ele possui com esses corpos: *propter affinitatem naturae metalla adurit*. É possível encontrar essa temática nos alquimistas, no decurso dos séculos seguintes. Por exemplo, em seu livro *Elementa Chimiae* (1724), Hermanus Boerhave explica que *particulae solventes et salutae se affinitate sue naturae colligunt in corpora homogênea*. A afinidade, assim, é a força em virtude da qual duas substâncias diversas “se procuram, unem-se e se encontram” em um tipo de casamento, de *noce chimique*, procedendo muito mais por amor do que por ódio, *magis ex amoré quam ex odio*².

O termo *attractionis electivae* aparece pela primeira vez na obra do químico sueco Torbern Olof Bergman. Seu livro, *De attractionibus electivis* (Uppsala, 1775), foi traduzido para o francês com o título *Traité des affinités chimiques ou attractions électives* (1788). Na tradução alemã – Frankfurt, Verlag Tabor, 1782-1790 –, a fórmula “atração eletiva” se torna, enfim, *Wahlverwandtschaft*, ou seja, afinidade eletiva.

É provavelmente dessa versão alemã de Bergman que Goethe extraiu o título de seu romance *Die Wahlverwandtschaften* (1809), em que ele trata da questão de uma obra de química estudada por um dos personagens “há cerca de uma dezena de anos”. O termo, aqui, torna-se uma metáfora para designar o movimento passional pelo qual um homem e uma mulher são atraídos um pelo outro – ainda que isso signifique a separação de seus companheiros anteriores –, a partir da afinidade íntima entre suas almas.

Tal transposição, feita por Goethe, do conceito químico para o terreno social da espiritualidade e do amor foi, em si mesma, ainda mais fácil, especialmente porque em diversos alquimistas, como Boerhave, o termo já estava densamente carregado de metáforas sentimentais e eróticas. Para Goethe, há uma afinidade quando dois seres ou elementos “procuram um ao outro, atraem-se, apoderam-se um do outro e, em seguida, em meio a essa união íntima, ressurgem de forma renovada e imprevista”³. A semelhança com a fórmula de Boerhave – dois elementos que “se procuram, unem-se e se encontram” – é impressionante, o que sugere o fato de Goethe também ter conhecido a obra do alquimista holandês e até mesmo se inspirado nela.

2 BOERHAVE, H. *Elementa Chimiae*. Lugduni Batavorum, 1732. Parte II, “De Menstruis”.

3 GOETHE, J. W. *Die Wahlverwandtschaften*. Gütersloh: C. Bertelsmann Verlag, 1948. p. 41.

Com o romance de Goethe, o termo ganha o direito de citação na cultura alemã, como a designação de um tipo de ligação particular entre as almas. E é na Alemanha mesmo que essa expressão sofrerá sua terceira metamorfose: a transmutação em conceito sociológico, por intermédio da obra de um grande alquimista da ciência social, chamado Max Weber. Weber mantém da antiga acepção as conotações de escolha recíproca, atração e combinação, mas a dimensão da novidade parece desaparecer⁴.

O conceito ocupa um lugar importante na “clássica” obra de Max Weber, *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, precisamente por analisar a relação complexa e sutil entre essas duas formas sociais. Trata-se, para Weber, de ir além da perspectiva tradicional em termos de causalidade e de contornar o debate sobre a primazia do “material” ou do “espiritual”:

Face ao extraordinário emaranhado de influências recíprocas entre os substratos materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo intelectual das épocas culturais da Reforma, a única maneira de proceder é examinar de perto se, e em quais pontos, podemos reconhecer as “afinidades eletivas” (*Wahlverwandtschaften*) entre certas formas de fé religiosa e certas formas de ética profissional. Por esse meio, e de uma vez só, serão precisados, na medida do possível, o modo e a *direção* geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material⁵.

É interessante notar que, na primeira vez, o termo aparece ainda entre aspas, como se Weber quisesse pedir desculpas por essa referência incongruente a uma metáfora romanesca, em meio à análise científica. Entretanto, na sequência do parágrafo, as aspas caem: a expressão ganhou direito de ser citada no universo conceitual do sociólogo.

O que ele tenta mostrar com isso é, primeiro, a existência de elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico: o puritanismo ascético e a poupança de dinheiro, a ética protestante do trabalho e a disciplina burguesa do trabalho metódico, a valorização calvinista do ofício virtuoso e o *ethos* da empresa burguesa racional, a concepção ascética do uso

4 Para um desenvolvimento mais detalhado sobre a origem do conceito de “afinidade eletiva”, remeto ao meu livro: *Rédemption et utopie. Messianisme juif et utopies en Europe centrale. Une étude d'affinité élective*. Paris: PUF, 1988.

5 WEBER, M. *l'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 2004. p. 91. Cf., também, *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie I*. Tübingen: JCB Mohr, 1922. p. 153.

utilitário das riquezas e a acumulação produtiva do capital, a exigência puritana da vida metódica e sistemática e a perseguição racional do lucro capitalista.

É a partir dessas analogias profundas, desses “parentescos íntimos”, existentes na Holanda, na Inglaterra e nos Estados Unidos do século XVII ao XIX, que uma relação de afinidade eletiva entre a ética protestante e o espírito do capitalismo vai se desenvolver, e por meio da qual a concepção puritana da existência motivará a tendência a uma vida burguesa economicamente racional – e vice-versa.

Não é de se estranhar que a expressão “afinidade eletiva” não tenha sido entendida devidamente pela recepção de Max Weber pela tradição anglo-saxônica positivista. Um exemplo quase caricatural disso é a tradução americana de *A ética protestante* por Talcott Parsons (em 1930): *Wahlverwandtschaften* tornou-se ora *certain correlations*, ora *those relationships*⁶. Embora o conceito weberiano aluda a uma relação interna, rica e significativa entre duas configurações, a “tradução” de Parsons o substituiu por uma correlação banal, externa e vazia de sentido.

Não podemos examinar, no âmbito deste artigo, em que medida o termo ou, pelo menos, a ideia de afinidade eletiva aparece em outros sociólogos alemães dessa época, como Tönnies, Simmel, Troeltsch e Mannheim. Neste último, por exemplo, é possível encontrar análises muito próximas à *Wahlverwandtschaft* weberiana, embora o próprio termo não seja empregado: “Na confluência (*zusammenfliessen*) de duas orientações de pensamento, a tarefa da Sociologia do Conhecimento é localizar os momentos nas duas correntes que, antes mesmo da síntese, revelem uma afinidade interna (*innere Verwandtschaft*) e, assim, tornem possível a unificação”⁷.

Max Weber utiliza o conceito apenas três vezes em *A ética protestante*; mas ele também aparece em outros escritos, na maior parte dos casos, no domínio da Sociologia das Religiões. Sem querer ser exaustivo, podemos assinalar dez modalidades distintas do conceito de afinidade eletiva em seus trabalhos. Três são internas a um campo determinado, enquanto as outras “atravessam” campos sociais diferentes.

INTERNA AO CAMPO RELIGIOSO

Trata-se da relação de *Wahlverwandtschaft* entre formas religiosas distintas, por exemplo, entre o ritual e a graça sacramental, ou, ainda, entre a profecia

6 WEBER, M. *The protestant ethic and the spirit of capitalism*. Londres: Unwin University, 1957. p. 91-92.

7 MANNHEIM, K. *Das Konservative Denken* (1927). In: MANNHEIM, K. *Wissensoziologie*, Berlin: Luchterhand, 1964. p. 458. A ideia aparece, também, em Troeltsch, cf. SÉGUY, J. *Christianisme et société*. Introduction à la sociologie de Ernst Troeltsch. Paris: Cerf, 1980. p. 247-251.

emissária e “uma concepção determinada do divino: aquela de um Deus criador, transcendente, pessoal, fulminante, que perdoa, ama, exige e castiga” – em oposição à divindade impessoal e contemplativa da profecia exemplar⁸.

INTERNA AO CAMPO ECONÔMICO

Ocorre entre o “espírito” do capitalismo e as formas de organização econômicas capitalistas. Isso pode parecer redundante, mas Weber insiste no fato de que, da mesma forma que uma organização sindical nem sempre é incitada por um espírito sindicalista, nem um império colonial por um espírito imperialista, uma economia capitalista também não é necessariamente conduzida pelo “espírito do capitalismo”⁹. Dependendo do caso, o “espírito” se encontra, em graus variados, em adequação e, eventualmente, em “relação de afinidade eletiva” com a “forma” de organização econômica¹⁰.

INTERNA AO CAMPO CULTURAL

Trata-se de um exemplo curioso: Max Weber opõe, de um lado, a formação (*Bildung*) patrimonial, que conduz, ao se racionalizar, à burocracia moderna – especialização, profissionalização – e, de outro, à *Bildung* feudal, “com seus traços lúdicos e sua afinidade eletiva com a atividade artística (*Künstlertum*)”¹¹. Seguramente, Weber tem em mente a educação aristocrática, mas as similitudes com a prática da arte não são explicitadas.

ENTRE FORMAS ESTRUTURAIS DA AÇÃO COMUNITÁRIA E FORMAS CONCRETAS DA ECONOMIA

Essa modalidade, sugerida no capítulo sobre a essência da economia, em *Economia e sociedade*¹², é muito genérica: Weber não deu exemplos concretos acerca dessa modalidade específica; ele afirma que irá se referir a ela no decorrer do texto, mas não é o que acontece de fato, a menos que se considerem as afinidades

8 WEBER, M. *Sociologie des religions*. Paris: Gallimard, 1996. p. 356.

9 *Ibidem*, p. 134-135.

10 WEBER, M. *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. Hamburg, 1968. p. 171.

11 WEBER, M. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: JCB Mohr, 1922. p. 752.

12 WEBER, M. *Économie et société*. Paris: Plon, 1971. p. 354.

eletivas entre as estruturas da ação religiosa e da ação econômica como uma das formas possíveis dessa configuração mais geral.

ENTRE ÉTICA RELIGIOSA E *ETHOS* ECONÔMICO

Esse é o caso das passagens mais conhecidas de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*; contudo, também é possível encontrar referências semelhantes em outros escritos de Weber. Por exemplo, em *Economia e sociedade*, na parte onde é mencionada a relação geral entre racionalidade econômica e ética religiosa rigorosa:

Deixaremos de lado, por um instante, o gênero de relação causal reinante, ali mesmo onde essa relação existe de fato, entre a ética religiosa racional e um tipo particular de racionalismo comercial. Nós queremos somente sublinhar que existe uma afinidade eletiva entre o racionalismo econômico e determinados tipos de religiosidade ética rigorosa, que caracterizaremos, posteriormente, com mais precisão. Essa afinidade só pode ser observada, de modo ocasional, fora do Ocidente, quer dizer, fora da sede do racionalismo econômico; ela se faz tanto mais nítida quanto mais se aproxima dos portadores clássicos do racionalismo econômico¹³.

Como no texto de *A ética protestante*, aqui, também, Max Weber distingue, agora de maneira mais explícita, afinidade eletiva de relação causal simplesmente.

ENTRE FORMAS RELIGIOSAS E FORMAS POLÍTICAS

As referências desse tipo são raras. Um dos exemplos mais interessantes é a afinidade eletiva entre o funcionamento das seitas religiosas e a democracia: “A íntima afinidade eletiva com a estrutura da democracia aparece já nos princípios de estruturação próprios à seita”, como, por exemplo, a gestão direta por parte da comunidade ou a definição dos agentes eclesiásticos como “servidores” do grupo¹⁴.

ENTRE ESTRUTURAS ECONÔMICAS E FORMAS POLÍTICAS

O único exemplo que encontramos dessa modalidade é do tipo “negativo”, mas ele é altamente significativo. Em seu ensaio sobre a situação da democracia

¹³ *Ibidem*, p. 502.

¹⁴ *Ibidem*, p.324.

burguesa na Rússia (1906), Max Weber se levanta contra um lugar-comum do pensamento liberal-burguês, qual seja: a ligação natural entre o capitalismo e a democracia. Segundo Weber,

[...] é bastante ridículo atribuir ao grande capitalismo de hoje, que atualmente é importado na Rússia e estabelecido nos Estados Unidos [...], uma afinidade eletiva com a “democracia” ou mesmo com a “liberdade” (em todos os sentidos possíveis dessa palavra), enquanto a questão deveria ser: como tais coisas são “possíveis”, em longo prazo, sob a dominação do capitalismo?¹⁵

Não encontramos, na obra de Weber, exemplos “positivos” de afinidade eletiva entre economia e política – um desafio “clássico” para o materialismo histórico, mas que é muito frequentemente (mas não sempre!) abordado sob um ângulo “determinista”.

ENTRE CLASSES SOCIAIS E ORDENS RELIGIOSAS

Esse é um tema discutido na obra *Economia e sociedade*:

A afinidade eletiva geral entre poderes burgueses e religiosos, típica de um determinado estágio de desenvolvimento desses dois poderes, pode chegar a ser uma aliança formal contra os poderes feudais, como foi frequentemente o caso no Oriente e, igualmente, na Itália, durante a luta das Investiduras.

Não se trata simplesmente de um pacto entre grupos sociais em função de interesses comuns, mas sim de um *ethos* pacífico comum, em oposição à nobreza militar¹⁶.

ENTRE VISÕES DE MUNDO E INTERESSES DE CLASSES

Esse problema é formulado, em termos mais gerais, nos *Essais sur la théorie de la science*: aqui, as *Weltanschauungen* (visões de mundo) aparecem como tendo autonomia, não podendo ser deduzidas a partir de uma posição de classe particular; entretanto, a adesão do indivíduo a uma visão de mundo depende, em

15 WEBER, M. Zur Lage der Bürgerlichen Demokratie in Russland. *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*. Band 22: Beiheft, 1906. p. 353.

16 WEBER, M. *Économie et société*. Paris: Plon, 1971. p. 245.

larga medida, da *Wahlverwandtschaft* de sua própria visão de mundo com seus interesses de classe¹⁷.

É a esse tipo de relação que alude a definição proposta por Jean Séguy:

A “afinidade eletiva”, segundo Weber, exprime uma dupla “possibilidade” social: de um lado, aquela que tem a ver com a relação constante estabelecida entre uma forma de ideologia (aqui, a religiosa) e os interesses de uma classe econômica ou de *status*; de outro, a “possibilidade”, não menos significativa, que existe para que a flexibilidade das estruturas e da ação social impeça que essa relação seja necessária¹⁸.

A formulação é pertinente, mas se refere apenas a uma das modalidades da *Wahlverwandtschaft* presentes na obra de Weber¹⁹.

ENTRE ESTILOS DE VIDA DE UMA CLASSE SOCIAL E CERTOS ESTILOS DE VIDA RELIGIOSOS

Esse caso não deve ser confundido com a modalidade anterior: não se trata, aqui, tão e somente, de interesses, e sim de algo mais amplo, a saber: “a afinidade eletiva entre o estilo de vida exigido pela religião e o estilo de vida socialmente condicionado pelos grupos de *status* (*Stände*) e pelas classes”. O exemplo ao qual Weber sempre retorna já está sugerido em *A ética protestante* e corroborado nas respostas e “anticríticas” ulteriores: o puritanismo acético e as classes médias. De modo mais geral, Weber acredita que, em meio a crises escatológicas esporádicas, as adesões aos movimentos religiosos atravessam diferentes classes sociais (são “verticais”), enquanto, com sua rotinização, essas adesões se tornam “horizontais”, ou seja, obedecem às linhas divisórias de classe – um fato que justifica, em certa medida, “a interpretação materialista histórica”²⁰. Essa classificação não é inútil, mas deve ser relativizada.

17 WEBER, M. *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. Tübingen: JCB Mohr, 1922. p. 153.

18 SÉGUY, J. *Christianisme et société*. Paris: Cerf, 1980. p. 251.

19 O mesmo vale para a definição, mais imprecisa, proposta por Reinhard Bendix, em sua biografia de Weber: “Weber utilizou muito freqüentemente o termo ‘afinidade eletiva’ para exprimir um duplo aspecto das idéias, isto é, que elas são criadas ou escolhidas pelos indivíduos (‘eletivas’) e que eles correspondem aos seus interesses materiais (‘afinidade’)”. Cf. BENDIX, R. *Max Weber, an intellectual portrait*. New York: Doubleday, 1962. p. 54.

20 WEBER, M. *Sociologie des religions*. Paris: Gallimard, 1996. p. 279. Cf., ainda: WEBER, M. *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. Hamburg, 1968. p. 181.

A fronteira entre essas diferentes modalidades não são estanques; muitas vezes, elas se encontram sobrepostas umas às outras: o *ethos* econômico, os estilos de vida das classes sociais e seus interesses materiais estão longe de serem sempre aspectos distintos da realidade social. Por exemplo, quando Weber escreve, em *A ética protestante*, que o calvinismo “parece ter mais afinidade eletiva com o rígido senso jurídico e ativo do empresário capitalista-burguês”²¹, é difícil saber se se trata de interesses burgueses, do estilo de vida dessa classe ou do “espírito do capitalismo”.

Não quisemos verificar, aqui, a pertinência ou não, a verossimilhança ou não, a exatidão ou o equívoco dessas diferentes hipóteses. O objetivo deste ensaio é mais modesto e limitado: compreender a lógica da abordagem empreendida por Max Weber e o modo como ele utilizou e “operacionalizou” o conceito de afinidade eletiva. Nesse sentido, deixamos de fora alguns usos do termo *Wahlverwandtschaft* feitos por Weber, que pareceram de frágil interesse heurístico: por exemplo, quando ele menciona a afinidade eletiva entre “os ideais” dos colaboradores de certa revista de ciências sociais (muito vago), ou entre o espírito autoritário de um partido católico conservador (o *Zentrum*) e as formas do estado autoritário na Alemanha (muito evidente)²².

Em nenhum desses exemplos Weber definiu o conceito de “afinidade eletiva”. Ele parece considerar tal expressão como algo dado, suficientemente familiar ao cultivado público alemão, o qual conhece de cor os escritos de Goethe. No entanto, ele faz, em alguns momentos, algumas preciosas indicações sobre seu “funcionamento”: quando dois elementos – por exemplo, um sistema social e um “espírito” cultural – estão ligados por “um ‘grau de adequação’ particularmente elevado” e entram em relação de afinidade eletiva, eles se adaptam ou se assimilam reciprocamente (*aneinander anzugleichen trachten*), até que, “finalmente, o desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade se instaura”²³. Ou, então, o grau de *Wahlverwandtschaft* entre uma ação comunitária e uma forma econômica depende do tipo de conexão ativa que se estabelece entre os dois elementos: “se, e com qual intensidade, eles favorecem reciprocamente sua existência, ou, ao contrário, eles a impedem ou a excluem; são reciprocamente ‘adequadas’ ou ‘inadequadas’. Falaremos em seguida de tais relações de adequação”²⁴.

21 WEBER, M. *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 2004. p. 173. Essa é a terceira e última vez que aparece o termo “afinidade eletiva” nessa obra de Weber.

22 Respectivamente, cf.: Weber, M. *Wissenschaftslehre*. p. 159; e WEBER, M. *Gesammelte Politische Schriften*. München: Drei Masken Verlag, 1921. p. 185.

23 WEBER, M. *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. Hamburg, 1968. p. 171.

24 WEBER, M. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: JCB Mohr, 1922. p. 183. A tradução francesa dessa passagem (Cf. WEBER, M. *Économie et société*, Paris: Plon, 1971.p. 354) é bastante aproximativa. Por exemplo, *Wahlverwandtschaft* é traduzido como “afinidade” simplesmente.

Como vimos em diferentes citações, não se trata, aos olhos de Weber, de uma relação causal. Se, em uma ou outra passagem de *A ética protestante*, Weber parece, por vezes, privilegiar o eficiente papel desempenhado pelas causas econômicas ou, em outras ocasiões, privilegiar as motivações religiosas, a principal orientação metodológica do livro não é afirmar nem a prioridade do fator econômico (“material”), tampouco a do religioso (“espiritual”), mas, antes e acima de tudo, sua congruência e atração recíproca.

O conceito de afinidade eletiva permite que Weber evite explicações estritamente “materialistas” ou “espiritualistas” que não lhe parecem capazes de dar conta da complexidade histórica das relações entre os comportamentos religiosos e os econômicos. Como foi bem apreendido por Jean Séguy, a utilização do conceito de afinidade eletiva é inseparável da perspectiva pluralista própria de Weber, de sua recusa de toda a monocausalidade e de todo o determinismo unilateral²⁵.

Haja vista que não há uma definição exata desse termo, como parece crer Jean-Pierre Grossein, o tradutor dos *Essais de sociologie religieuse* – que, aliás, é muito competente –, poder-se-ia, então, considerar a afinidade eletiva simplesmente como um sinônimo de “parentesco interior”? Na opinião do tradutor, “os comentadores se desgastaram em demasia – e inutilmente – sobre a noção de *Wahlverwandtschaft* em sua conotação mais literária. Em Weber, são equivalentes: ‘afinidade eletiva’, ‘adequação’, ‘parentesco interior’”²⁶.

Nesse caso, perguntamo-nos: por que Weber insistiu em utilizar essa noção mais “literária” em vez de se limitar aos outros termos supostamente “equivalentes”? Encontra-se um argumento análogo em Raymond Aron, que define a afinidade eletiva weberiana como uma forma de “adequação significativa”, de “afinidade espiritual” ou de “conformidade intelectual e existencial” entre uma determinada atitude religiosa e um determinado comportamento econômico²⁷.

Na realidade, Weber utiliza diversos conceitos em torno da noção de afinidade eletiva ou de seu propósito: adequação, parentesco interior, afinidade de sentidos e congruência. Eles ajudam na compreensão do fenômeno, mas não são, rigorosamente falando, sinônimos ou equivalentes: eles não podem substituir o conceito de *Wahlverwandtschaft*. São termos mais frágeis, pobres de significação e, acima de tudo, esvaziados da dimensão ativa. Podemos pegar como exemplo o termo “parentesco interior”: ele designa uma *Verwandtschaft*, uma afinidade íntima, uma adequação entre duas formas, mas não a relação ativa entre elas. A afinidade eletiva,

25 SÉGUY, J. *Conflit et utopie, ou réformer l'Église*. Paris: Cerf, 1999. p. 76-98.

26 DROSSEIN, J-P. Présentation. In: WEBER, M. *Sociologie des religions*. Paris: Gallimard, 1996. p. 59.

27 ARON, R. *Les étapes de la pensée sociologique*. Paris: Gallimard, 1967. p. 537; 539; 540; 542.

ao contrário, contém o elemento da seleção, da escolha ativa, da atração recíproca. Na linguagem de Goethe, à qual Weber se refere, implicitamente, quando utiliza essa expressão, as duas formas culturais “procuram uma à outra, atraem-se e se apoderam uma da outra”. Para Weber, que é antes de tudo um sociólogo da ação social, essa diferença entre a simples “afinidade” e a afinidade eletiva, entre uma analogia formal e uma relação ativa, não poderia passar despercebida²⁸.

Propomos, então, a seguinte definição, partindo do uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo.

Nessa medida, é necessário considerar que a noção de afinidade eletiva comporta variados níveis ou graus:

- A afinidade propriamente dita, o parentesco espiritual, a congruência e a adequação interna. É importante salientar que esse tipo de “afinidade” é uma analogia ainda estática, que cria a possibilidade, mas não a necessidade de convergência ativa, de atração eletiva. A transformação dessa potência em ato, a dinamização da analogia, depende de condições históricas e sociais concretas. Para ilustrar de forma mais evidente: Weber constata, entre o confucionismo e o racionalismo puritano, “certo parentesco (*Verwandtschaft*)”²⁹. Isso não é o bastante para criar entre os dois uma relação efetiva de convergência.
- A seleção, a atração recíproca, a escolha ativa e mútua de duas configurações socioculturais, conduzindo a certas formas de interação, de estimulação recíproca e de convergência. Nesse nível, as analogias e correspondências começam a se tornar dinâmicas, embora as duas estruturas permaneçam separadas.
- A articulação, combinação ou união entre as partes, podendo resultar em algum tipo de “simbiose cultural”, em que as duas figuras, ainda que permanecendo distintas, estão organicamente associadas; ou seja, para

28 Ao que parece, Jean-Pierre Grossein não está longe de partilhar dessa minha conclusão quando ele diz que, citando Weber acerca da afinidade eletiva, “a adequação de sentido, tal como demonstrado na análise, não garantiu a existência efetiva de tal relação ‘em cada caso particular, nem mesmo na maioria dos casos’”. Cf. GROSSEIN, J-P. Présentation. In: WEBER, M. *Sociologie des religions*. Paris: Gallimard, 1996. p. 60. A citação de Weber atinente à relação entre “espírito” e “forma” do capitalismo se encontra na página 135 dessa mesma obra.

29 WEBER, M. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie I*. Tübingen: JCB Mohr, 1922. p. 450.

citar o próprio Weber, quando “um desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade se instaura”.

É em algum lugar desses dois últimos níveis que se situa a *Wahlverwandtschaft* entre a ética protestante e o espírito do capitalismo de que fala Max Weber.

É claro, a afinidade eletiva depende do grau de “adequação” ou de “parentesco” entre as duas formas, mas ela depende também de outros fatores: a afinidade eletiva é favorecida ou desfavorecida por certas condições históricas. Em outros termos, é necessária uma determinada constelação – para utilizar um conceito que Karl Mannheim deslocou com sucesso da astrologia para a Sociologia do Conhecimento – de fatores históricos, sociais e culturais para que se desenrole um processo de *attractio electiva*, de seleção recíproca, reforço mútuo e, até mesmo, em alguns casos, de “simbiose” de duas figuras espirituais. Tal problemática está implicitamente presente na obra de Weber, mas é raramente desenvolvida.

É surpreendente que, em meio à abundante bibliografia sobre essa tese de Max Weber – a *Wahlverwandtschaft* entre calvinismo e capitalismo –, existam tão poucas análises sobre o conceito propriamente dito de afinidade eletiva. Consultando uma literatura multilíngue sobre o debate suscitado por esse livro de Weber, preparada em 1978 por Jahannes Winckelmann, não achamos um único título de artigo ou ensaio acerca desse objeto³⁰.

Um dos raros autores que se interessaram por tal tema foi o sociólogo anglo-germânico Werner Stark. Sua abordagem é bastante ambiciosa: trata-se de esboçar as principais linhas de uma teoria das afinidades eletivas, que seria, no domínio das relações entre as ideias e a realidade sócio-histórica, ou entre a “superestrutura” e a “infraestrutura”, uma alternativa – ou, ao menos, um corretivo – às concepções diretamente causais ou funcionalistas. O principal objetivo dessa teoria – presente, segundo Stark, não somente em Max Weber, mas também em outros autores como Max Scheler, Karl Mannheim, Alfred Weber e Alfred Von Martin – seria o entendimento da conexão entre as ideias e as classes sociais.

A afinidade eletiva consiste, conforme a equação de Stark, “em uma gradual convergência entre superestrutura e infraestrutura”, como “dois polos que se atraem reciprocamente e, quando se encontram mutuamente, entram em conexão

30 WEBER, M. *Die protestantische Ethik II. Kritiken und Antikritiken*. Herausgegeben von Jahannes Winckelmann: Gütersloher Verlagshaus, 1978. p. 395-429. Bibliographie zur Kontroversial-literatur.

durável”. Trata-se de um processo de “adaptação recíproca”, no qual os dois polos são igualmente ativos³¹.

As observações desse autor são interessantes, mas, curiosamente, ele tem muito pouco a dizer sobre Weber, pois não cita mais que duas ou três passagens. Sua interpretação da teoria da afinidade eletiva se situa, antes de tudo, sobre o terreno da Sociologia do Conhecimento e está mais próxima de Max Scheler – segundo quem as sociedades ou os movimentos sociais não criam suas próprias filosofias, mas as escolhem entre um estoque de ideias já existentes e independentes (no sentido neoplatônico) – do que de Weber.

Parece-me que o conceito de afinidade eletiva pode se aplicar a muitos domínios. Ele permite compreender – no sentido forte de *Verstehen* – certo tipo de conjunção entre fenômenos aparentemente disparatados dentro de um mesmo campo cultural (religião, política e economia) ou entre esferas sociais distintas: religião e economia, misticismo e política, etc. O conceito dá conta de processos de interação que não são revelados nem pela causalidade direta, nem pela relação “expressiva” entre forma e conteúdo (por exemplo, uma forma religiosa sendo a “expressão” de um conteúdo político ou social), nem, tampouco, pela “função” de uma parte em meio à totalidade social.

Não se deve confundir afinidade eletiva, tal como definida aqui, com o simples *parentesco ideológico*, inerente às diversas variações de uma mesma corrente social e cultural: por exemplo, entre liberalismo econômico e liberalismo político, entre socialismo e igualitarismo, entre romantismo literário e romantismo social. A seleção e a escolha recíproca implicam uma distância prévia, um intervalo cultural que deve ser preenchido, uma descontinuidade ideológica.

Assim, sem ter a pretensão de substituir outros paradigmas analíticos, explicativos ou compreensivos, o conceito de afinidade eletiva pode constituir um novo ângulo de abordagem, até então pouco explorado, no campo da Sociologia da Cultura.

Resumo O termo “afinidade eletiva” (*Wahlverwandtschaft*) tem uma longa história, muito anterior aos escritos de Max Weber. Trata-se de um itinerário complexo que vai da alquimia à literatura romântica (Goethe) e desta às ciências sociais. Weber utiliza o conceito somente três vezes em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, mas ele aparece, também, em outros escritos, geralmente no campo da Sociologia das

31 STARK, W. *Die Wissenssoziologie. Ein Beitrag zum tieferen Verständnis des Geistslebens*. Stuttgart: Ferdinand Encke Verlag, 1960. p. 215-222.

Religiões. Weber não define o conceito; todavia, podemos propor a seguinte definição, com base no uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa. Sem se colocar no lugar de outros paradigmas analíticos, explicativos ou compreensivos, a afinidade eletiva pode constituir uma nova perspectiva, até agora pouco explorada, no campo da Sociologia da Cultura.

Résumé *Le terme «affinité élective» (Wahlverwandtschaft) a une longue histoire, largement antérieure aux écrits de Max Weber. Il s'agit d'un itinéraire complexe qui va de l'alchimie à la littérature romantique (Goethe), et de celle-ci aux sciences sociales. Weber n'utilise le concept que trois fois dans L'Éthique protestante, mais il apparaît aussi dans d'autres écrits, dans la plupart des cas dans le domaine de la sociologie des religions. Weber ne le définit pas, mais on pourrait proposer la définition suivante, à partir de l'usage weberien du terme: l'affinité élective est le processus par lequel deux formes culturelles – religieuses, intellectuelles, politiques ou économiques – entrent, à partir de certaines analogies significatives, parentés intimes ou affinités de sens, dans un rapport d'attraction et influence réciproques, choix mutuel, convergence active et renforcement mutuel. Sans se substituer aux autres paradigmes analytiques, explicatifs ou compréhensifs, l'affinité élective peut constituer un angle d'approche nouveau, jusqu'ici peu exploré, dans le champ de la sociologie de la culture.*

Abstract *The notion of elective affinity (Wahlverwandtschaft) has a long history which is much older than Weber's writings. It went through a complex path that leads from alchemy to romantic literature (Goethe), and from there to the social sciences. Weber uses it only three times in The protestant ethic and the spirit of capitalism, but it appears also in several of his other writings, mainly concerning sociology of religion. Weber does not define it, but one could propose the following definition, based on the weberian use of the notion: elective affinity is a process through which two cultural forms – religious, intellectual, political or economical – who have certain analogies, intimate kinships or meaning affinities, enter in a relationship of reciprocal attraction and influence, mutual selection, active convergence and mutual reinforcement. Without substituting other analytical, explanatory or comprehensive paradigms, elective affinity may offer an approach, until now hardly explored, in the field of sociology of culture.*